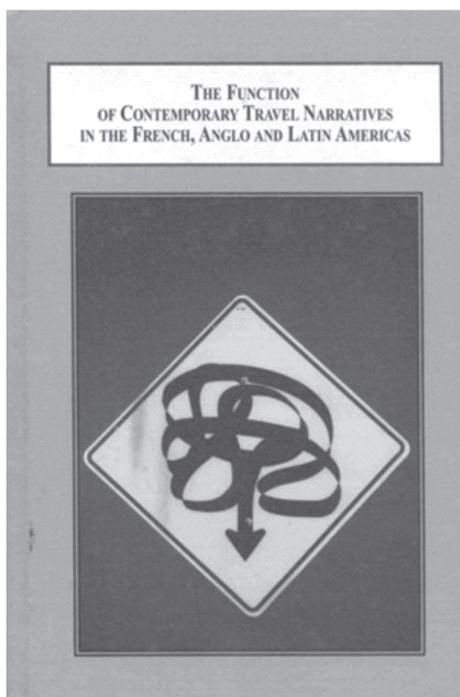


COTÉ, Jean-François. *The Function of Contemporary Travel Narratives in the French, Anglo and Latin Americas: Mixing and Expanding Cultural Identity*. New York/London: Mellen Press, 2011, 170p.

BENESSAIEH, Afef (ed.). *Transcultural Americas/Amériques Transculturelles*. Ottawa: University of Ottawa Press, 2010, 261p.

Roland Walter¹

Submetido em 31 de outubro, aprovado em 4 de novembro de 2012.



James Clifford (1997, p. 2) alega que “viagens e contatos são locais cruciais para uma modernidade inacabada”. Segundo ele, na nossa nova or-

dem mundial de fluxos trans-regionais, transnacionais e transcontinentais “o local humano” é “constituído por deslocamento e estase”. Distinguindo entre diversos tipos de viajantes em diferentes épocas, Clifford argumenta que “viajar [...] denota uma série de práticas materiais e espaciais que produzem conhecimento, histórias, tradições, comportamentos, músicas, livros, diários e outras expressões culturais”². Os sete ensaios e o prefácio do livro *The Fiction of Contemporary Travel Narratives in the French, Anglo and Latin Americas: Mixing and Expanding Cultural Identity*, editado por Jean-François Coté, inserem essas reflexões de Clifford ao examinar e problematizar diversos aspectos de narrativas de viagem contemporâneas a partir de diferentes perspectivas pan-americanas.

“Seria absurdo dizer”, pergunta Jean-François Coté na “Introdução” (2011, p. 9) que “as Américas nasceram nas narrativas de viagem?” Para Coté, desde os tempos da colonização até os nossos tempos de mobilidade mais generalizada, o continente americano foi continuamente reinventado por “travel stories”. Os colonizadores, os cronistas, os missionários, os colonos, os cientistas, os escravos (aqueles que Édouard Glissant chamou de “migrante nu”), as tribos indígenas (desde os tempos pré-colombianos), os imigrantes multi-étnicos, os aventureiros e as aventureiras (penso em Flora Tristan, por exemplo, que narra sua viagem a cavalo atravessando o Peru em *Pérégrinations d'une paria*, 1838), revolucionários, artistas e mochileiros, entre outros, através de suas experiências distintas e histórias contadas (de maneira oral, escrita, modelada e pintada), todos contribuíram e continuam contribuindo para este constante renascimento das Américas. Se para F. Scott Fitzgerald, no seu clássico *The Great Gatsby* (1925), já na *Jazz Age* o mito do *American Dream*, profanado por “pessoas descuidadas” como Tom e Daisy que “quebraram as coisas e destruíram as pessoas e depois retiraram-se para seu dinheiro ou seu descuido enorme” deixando “outras

pessoas limparem a bagunça que fizeram”, revela o custo moral desastroso em hipocrisia e selvageria que caracteriza a civilização no seu momento mais opulento, ou seja, se esse sonho como “futuro orgíaco”, para Fitzgerald, “esquivou-se de nós no passado”, então muitos nativos e imigrantes continuam nas trilhas desse sonho, pés nos desertos, nas selvas, nas cidades e nas estradas da zona da NAFTA, tentando escapar da miséria e da fome sem nunca verdadeiramente chegar como diz um trabalhador migrante de descendência mexicana no romance *Y no se lo trago La tierra/ ... And the earth did not part* (1977, p. 115) do escritor chicano Tomás Rivera. Mesmo assim, continuam chegando: ao cruzar os oceanos dos quatro cantos do mundo ou colocar os pés nas estradas em busca de realizar seus sonhos nas terras americanas. Como os ensaios do livro editado por Coté demonstram, existem diversos mitos de diferentes sonhos pan-americanos. Enquanto que uns, como Jack Kerouac em *On the Road* e Ché Guevara em *Diários de motocicleta* – duas narrativas que, segundo Coté (2011, p. 13), “inauguram” um “novo tipo de narrativa de viagem nas Américas” – realizam esses sonhos (pelo menos momentaneamente), outros, como os protagonistas em *Pedro Páramo* de

Juan Rulfo, *Los pasos perdidos* de Alejo Carpentier e *Esta Terra* de Antonio Torres, entre outros, não conseguem traduzir sua “desterritorialização em reterritorialização”, para usar a frase de Roland Walter da Universidade Federal de Pernambuco, Brasil, no prefácio (2011, p. 3). Walter, ao abrir a trilha histórica, literária, étnico-cultural e até pessoal da leitura dos ensaios do livro via elaboração de ideias do crítico peruano Antonio Cornejo-Polar e do líder tribal brasileiro Ailton Krenac, argumenta que a “contínua transcultura – a travessia de culturas em contínuo processo dentro da rede de relações de poder – transforma as Américas, entre outras partes do mundo, num entre-espaço de epistemes culturais contraditórias” (2011, p. 3). Nesse sentido, Christian Riegel da Universidade de Regina examina o desenvolvimento tecnológico e industrial do Canadá em relação à migração e seus efeitos sobre o pensamento e o agir dos personagens em dois romances da literatura canadense contemporânea. Sebastiaan Faber do Oberlin College, Ohio, analisa diversos casos de “crossed cultures” – republicanos espanhóis no México e latinos nos Estados Unidos – ao investigar o deslocamento geográfico e identitário entre o exílio e a viagem; Simon Harel da Universidade de Québec

em Montreal focalizaos “transitional places” na obra do escritor canadense Émile Ollivier – lugares que “falam sobre as contiguidades imaginárias (e transculturais) do Québec contemporâneo”; Jaap Lintvelt da Universidade de Groningen problematiza o tema da viagem em oito romances de escritores quebequenses entre 1981 e 2001 com enfoque específico na relação entre o “nomadismo” e o “sedentarismo”. Patrick Imbert da Universidade de Ottawa trabalha a relação entre o nacional e o transnacional em ensaios e romances pan-americanos entre o século 19 e o presente. Doeko Bosscher da Universidade de Groningen fala sobre o encontro entre americanos e alemães durante a Guerra Fria, destacando como as duas culturas se inter-relacionaram, ou melhor, se transculturaram. Jean-François Coté, da Universidade de Québec, em Montreal, examina a “nova forma de cosmopolitismo” que caracteriza a relação entre a cidade e a estrada na obra de Jack Kerouac. O que liga os ensaios em sua diferença é a problematização de uma mobilidade escolhida ou imposta que constitui o terreno pan-americano intersticial sobre o qual, como o subtítulo do livro conota, a identidade cultural era e continua sendo construída. Nesse sentido, os ensaios que compõem o livro *The*

Function of Contemporary Travel Narratives in the French, Anglo and Latin Americas examinam o hífen transcultural que liga e separa as múltiplas culturas do continente americano.

O livro *Transcultural Americas/Amériques Transculturelles* editado por Afef Benessaïeh, composto por oito ensaios além daqueles da Introdução e Conclusão, problematiza abordagem teórica desse hífen transcultural: como teorizar o encontro de culturas, ou melhor, a dinâmica inerente aos fluxos interculturais que fazem com que nos nossos tempos de intensa mobilidade, fragmentos culturais, entrem em contacto. Se, segundo Spivak (1999, p. 239-240), “um dos aspectos mais fascinantes da pós-colonialidade numa ex-colônia é o palimpsesto da continuidade pré-colonial e pós-colonial fraturada pela imposição imperfeita da episteme iluminista”, então o entendimento dos efeitos do passado no presente se produz não somente por meio de um enfoque analítico sobre a relação colonizador-colonizado (ou qualquer outro tipo de relação dominador-dominado), mas também de um exame das relações intragrupoais em termos de assimilação, internalização de valores, mímica, cooptação e resistência na ambígua e ambivalente interface de identidade e alteridade.

Mudanças nas práticas materiais, nos meios de comunicação, bem como um aumento significativo de migração e outras formas de mobilidade entre regiões, nações, continentes e culturas provocam transformações na consciência e no imaginário de pessoas e povos no mundo inteiro. Em consequência disso, o discurso crítico – inspirado pela forma “nômade” de pensar que Gilles Deleuze e Félix Guattari (1972) propuseram para substituir raízes por rizomas – redescobriu a lógica diferencial das zonas de contato, panoramas, rizomas, espaços fronteiriços, *limen*, entre-lugar, sincretismo, hibridismo, *amalgamation*, mestiçagem, *créolisation* e transculturação, entre outros, para explicar os fluxos conjuntivos e disjuntivos das transferências culturais e seus resultados: novas formas e práticas culturais fractais entre e dentro de fronteiras permeáveis e seus espaços fronteiriços. Nesse sentido, os oito ensaios em *Transcultural Americas/Amériques Transculturelles* examinam essas formas e práticas fractais (sua natureza ambígua e multidimensional, seu cronotopoheterotópico) mediante a análise da dinâmica transcultural em lugares caracterizados por múltiplos e complexos processos de troca. Afef Benessaïeh, da Universidade de Quebec, em Montre-

al, ao relacionar os termos de “multiculturalismo”, “interculturalidade” e “transculturalidade”, problematiza as definições clássicas da noção ‘cultura’ herdadas da antropologia e distingue entre a ‘transculturalidade’ e a ‘transculturização’. No capítulo da conclusão, Afef Benessaieh e Patrick Imbert resumem essa diferença da seguinte maneira: enquanto a transculturização no sentido de Fernando Ortiz e Bronislaw Malinowski visa “às funcionalidades da reprodução cultural de uma dada sociedade presumida como um conjunto relativamente coerente ou estável e capaz de internalizar a diferença”, a transculturalidade não tem por objetivo a reprodução, a estabilidade ou a funcionalidade de uma paisagem cultural sem contornos claros, mas tenta compreender essa paisagem em pleno movimento, sugerindo a natureza tanto permanente quanto transitória do relacionamento das culturas consideradas como correntes polissêmicas” (2010, p. 235-236). Patrick Imbert, da Universidade de Ottawa, apresenta a transculturalidade como força de camaleão no contexto literário e histórico das Américas. Ele destaca quatro características principais do conceito: “a transculturalidade impõe-se pelo estreitamento planetário”; ela “escapa à metáfora vegetal dos mitos funda-

dores para interessar-se pelas relações sociais conflituosas, pedagógicas ou sedutoras em função de novas metáforas policromáticas e animais portadoras de evidências argumentativas”; nesse sentido, ela “mistura a razão e a emoção, além de ser “um ato linguístico performativo que leva a criar relações menos conflituosas”. Em seu ensaio de abordagem sócio-etnográfica, Julie-Anne Boudreau do National Scientific Research Institute (INRS-Montreal) explora a experiência da mobilidade simbólica e geográfica de migrantes latino-americanos em Los Angeles. Ela argumenta que “encontros entre indivíduos móveis constituem momentos transculturais” – momentos estes que “emergem da energia afetiva fluindo através destas interações sociais e espaciais” (2010, p. 76) e, dessa forma, participam na constituição de subjetividades políticas. Nesse sentido, segundo Boudreau, “é importante analisar as consequências políticas das trocas transculturais no nível das relações de poder globalizadas e da experiência individual” (2010, p. 85). Pascal Gin, da Universidade Carleton, numa tentativa de atualizar o conceito de transculturização elaborado por Ortiz em Cuba mediante uma justaposição deste com o conceito da *créolisation* glissantiana para poder

aplicá-lo às produções cinematográficas e literárias em Quebec, alega que “a transculturalidade caracteriza-se por transformações culturais plenamente desprendidas de qualquer imperativo de territorialidade” e de “cultura única” (2010, p. 94, 104). Para Jean-François Coté, da Universidade de Quebec, em Montreal, na sua análise comparativa entre o conceito de transculturação de Ortiz e o de hibridismo de Canclini, os dois conceitos são menos um efeito da contemporaneidade cultural do que uma característica histórica do desenvolvimento cultural das Américas. O enfoque analítico de Nicolas Van Schendel do National Scientific Research Institute (INRS-Montreal) é uma contextualização da identidade cultural de Quebec como parte integral das Américas transculturais. Ao distinguir entre “o ser mestiço” e “o ser mosaico” (2010, p. 150), o autor propõe conceber a transculturalidade como uma potencialidade que provem da mestiçagem e uma visão de vida que reconhece a pluralidade cultural como base da identidade quebequense. Winfried Siemerling, da Universidade de Sherbrooke, e Sarah Philip Casteel, da Universidade Carleton, no seu artigo sobre estudos interamericanos, enfatizam a importância de incluir o Canadá nesses estudos interdisciplinares com

base nos possíveis temas seguintes – temas estes que abrangem perspectivas transculturais de diversas zonas de contato: os “remapeamentos indígenas do continente, as rotas pós-escravidão e as conexões de Quebec com a América Latina” (p. 191). A pesquisadora independente DotTuere seu trabalho étnico-histórico sobre o santo híbrido, San La Muerte, no Nordeste da Argentina examina as transformações mútuas da religiosidade com base no conceito de transculturação de Fernando Ortiz, Angel Rama e Mary Louise Pratt. Ela argumenta que “a crença popular no santo serve como exemplo de como o imaginário social da transculturalidade é a reapropriação estratégica de um passado colonial que resiste ao paradigma oposicionista da modernidade mediante a difusão local e a mistura de diferenças culturais” (2010, p. 209).

O que todos os trabalhos enfatizam em sua diferença, ao discutir a transculturalidade numa perspectiva interdisciplinar, é como o *trans* da natureza transitória da identidade cultural designa a tradução dinâmica das confluências culturais que atravessa e constitui a encruzilhada da formação identitária entre lugares e epistemes diferentes. Assim, esse processo transcultural da transculturalidade traduz a lógica dos “fluxos culturais ligados

uns aos outros, a partir de um lugar local” que informa e estrutura os cruzamentos culturais. Como tal, a transculturalidade é “um equilíbrio relacional frágil continuamente recriado na configuração do momento” (2010, p. 237).

The Fiction of Contemporary Travel Narratives in the French, Anglo and Latin Americas: Mixing and Expanding Cultural Identity (2011) e *Transcultural Americas/Amériques Transculturelles* (2010) são duas obras valiosas que fortalecem a base de conhecimento de pesquisadores interessados em assuntos interamericanos; uma área de estudos que está crescendo cada vez mais e representada, aqui no Brasil, pela revista *Interfaces Brasil-Canadá*.

Notas

¹ Professor da Universidade Federal do Pernambuco, pesquisador do CNPQ e coordenador do Núcleo de Estudos Canadenses de Pernambuco. walter_roland@hotmail.com

² As traduções nesta resenha são minhas.

Referências

CLIFFORD, James. *Routes: Travel and Translation in the Late Twentieth Century*. Cambridge: Harvard UP, 1997.

DELEUZE, Gilles e Felix Guattari. *L'Anti-Oedipe*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1972.

FITZGERALD, F. Scott. *The Great Gatsby*. New York: Charles Scribner's Sons, 1925.

RIVERA, Tomás. *Y no se lo tragó la tierra/... And the earth did not part*. Berkeley: Ed. Justa Publications, 1977.

SPIVAK, Gayatri Ch. *A Critique of Postcolonial Reason: Toward a History of the Vanishing Present*. Cambridge: Harvard UP, 1999.

